

## Comentário

# A metáfora da contemporaneidade

Peça *Velhos caem do céu como canivetes*, da Pequena Companhia de Teatro, toca em temas atuais de maneira singular

**Sandro Fortes**  
Especial para o Alternativo

Anjos destroçados entre sonhos de salvação. A peça *Velhos caem do céu como canivetes*, de Marcelo Flecha, que vi recentemente encenada por Jorge Choairy e Cláudio Marconcine, esses enormes atores no palco da Pequena Companhia de Teatro, toca em tantos temas atuais que se torna uma metáfora singular, e incontornável, a respeito de nós mesmos e de nossa época.

A peça se inspira, com ampla liberdade, num conto de Gabriel Garcia Marquez, e mostra basicamente a dicotomia entre duas personagens antagônicas num cenário arruinado que me lembrou a terra devastada do famoso poema de T. S. Eliot, pano de fundo escolhido para sugerir a tenebrosa miséria humana que será exibida em cena, e tanto a

peça quanto aquele poema mostram-nos um mundo em que a cultura humanista da nossa civilização cedeu lugar ao vazío existencial da barbárie contemporânea na qual sobrevivemos sabe Deus como.

Um detalhe curioso sobre este cenário de cacarecos e de restos empilhados é que quase tudo nele sutilmente sugere o formato de asas. Pois asas são aquilo que um dos personagens deseja recuperar. Trata-se de uma figura patética que desabou na terra (como um canivete?) e boa parte da peça desenrola-se sobre a dúvida que a sua figura desperta (é um anjo? um pássaro? um super-homem? Um pobre-diabo?) ao dialogar com outro personagem patético, igualmente decaído, um homem que se afastou da chamada civilização, um ex-artista, que se tornou um esfarrapado faminto remexendo no lixo e que se alimenta de caranguejos ou do que mais

aparecer na sua frente.

**Plateia** - Os questionamentos existenciais das personagens são endereçados também aos distintos membros da plateia e a miséria ali mostrada é, também ela, legítima coisa nostra. O tema principal é o da queda, em todos os sentidos. Da degradação espiritual, econômica, social, pessoal, civilizatória. Tanto o homem quanto o "anjo" ali expostos são seres que chegaram ao fundo do poço.

Anjos caídos, na tradição gnóstica, ou na literatura de um John Milton (*Paraíso Perdido*), ou num filme como *Asas do Desejo*, de Wim Wenders, não são mais anjos coisa nenhuma, ou são demônios ou agora meros homens. E homens, o que somos? Seríamos nós anjos caídos também, vivendo na terra uma condição infernal de degradação material e espiritual, como uma cena de sonambulismo do personagem "humano" sugere?

Tais questionamentos parecem ser o propósito das várias hipóteses levantadas e descartadas com muita ironia no jogo travado entre as duas per-



Fotos/Divulgação

A peça *Velhos caem do céu como canivetes* traz no elenco os atores Jorge Choairy e Cláudio Marconcine

sonagens. Anjos aparecem para nos salvar ou, como escreveu Rilke, "todo anjo é terrível"? Mas que tipo de salvação é possível num mundo dominado pela fome, pela miséria, pela brutalidade, que perdeu toda conexão com o sagrado? Sobreviver em meio à penúria total, junto com a mulher e os filhos, que receberam o legado de nossa miséria? Salvação aqui é escapar da morte de fome.

Neste sentido, a peça de Mar-

celo Flecha se situa quase como uma alegoria da "morte em vida" nordestina (ou antes, da vida e morte severina), apesar de ser uma obra que aspira ao universal, o autor toca com as duas mãos no regional: sua peça é clara e clara demais como metáfora da penúria própria de quem vive em terras devastadas pela miséria, uma gente como a maranhense, que há tempos amarga as esperanças de melhorias (políticas, econômicas, so-

ciais), mas que ainda sonha, tem fé, aspira à salvação, o que a torna presa fácil do oportunismo político messiânico de alguns, enquanto é assolada e acossada pela precariedade e pela fome de viver.

*Velhos caem do céu como canivetes* é incisiva e fere fundo ao mostrar a existência como uma queda, um rebaixamento do humano. Como reagiremos, se é que reagiremos, é a grande questão que deixa no ar.